



A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS NO ENSINO REGULAR: os desafios do professor nos anos iniciais

Andréia da Silva*

RESUMO

O presente texto aborda a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no ensino regular, no intuito de analisar os desafios do professor nos anos iniciais. Para proceder a pesquisa, realizou-se um estudo de caso na Escola Jurandir Liberino de Mesquita, onde realizou-se entrevista com um aluno surdo matriculado no terceiro ano do Ensino fundamental, uma docente da sala de aula regular e dois docentes intérpretes da sala de recursos da referida instituição. Através da análise dos dados obtidos durante a pesquisa constatou-se que a instituição fornece material didático adequado e disponibiliza um intérprete para o aluno, o que possibilita sua inclusão em uma sala de aula regular.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais (Libras). Ensino Regular. Intérprete de Sinais.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano percebe o mundo e a presença de seu semelhante por meio dos sentidos: da visão, da audição, do olfato, do paladar e do tato. Ainda assim, uma pessoa é muito mais do que a simples junção desses sentidos. A perda de um ou mais sentidos não diminui, por si, a potencialidade da pessoa. Até certo ponto, uma deficiência sensorial, como por exemplo, a auditiva, pode ser atenuada pelo aguçamento dos demais sentidos. Essa perda, entretanto, não representa um obstáculo intransponível para esse sujeito, uma vez que através de alguns meios pode ser possível o seu desenvolvimento emocional e cognitivo, a felicidade que se quer. (RINALDI 1997, p. 80).

* Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS NO ENSINO REGULAR: os desafios do professor nos anos iniciais**, sob a orientação da Professora Especialista Rosa Carolina Silva de Gouveia, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2. E-mail: andrea.sinop26@hotmail.com.

Sabe-se que o aluno surdo sente bastante dificuldade em comunicar-se com o professor e com os alunos ouvintes, pois estes conhecem pouco ou nada sobre a Língua Brasileira de Sinais, fazendo com que a comunicação, na maioria das vezes, ocorra através da mímica.

Por isso, na presente investigação científica, pretendeu-se analisar o ensino de LIBRAS no ensino regular: os desafios do professor em uma turma dos anos iniciais na Escola Municipal Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita, localizada no município de Sinop - Mato Grosso.

2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9394/96, em seu Art.58º, entende-se por educação especial, “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando com necessidades especiais”. (LDB, 1996, p. única).

Podemos dizer, a partir da análise da referida lei, que pessoas com necessidades especiais são pessoas que possuem limitações que podem ser superadas a partir da utilização de recursos que as ajudem a realizar as mesmas atividades das pessoas ditas normais.

A organização e a estrutura psicológica da criança surda se diferenciam da criança ouvinte, devido à privação do sentido que opera a distância (audição forçada a integrar suas experiências de modo diferente). Para o processo de aprendizagem, isso se torna a base para uma intervenção pedagógica diferenciada, a qual de fato percebe este aluno em sua totalidade, não só em sua limitação, buscando estratégias que minimizem suas dificuldades, permitindo a construção de relações interpessoais com o grupo e, conseqüentemente, com o objeto de conhecimento.

As LIBRAS distinguem-se das Línguas orais porque se utilizam de um meio visual-espacial e oral-auditivo na elaboração da Língua de Sinais, precisando o receptor olhar os movimentos que o emissor realiza para entender a mensagem. Já na Língua oral, é preciso ouvi-lo.

A Língua de sinais não é universal, cada uma tem uma própria estrutura gramatical, cada uma como sua cultura, que varia conforme o povo. Mesmo os países com a mesma língua oral possuem a língua de sinais diferente, a exemplo de Brasil e Portugal que, embora possuam a mesma Língua oral, a Língua sinais é diferente, possui características próprias. Em

contrapartida, os Estados Unidos e o Canadá, usam a mesma Língua oral e a mesma Língua de sinais.

A LIBRAS é a língua utilizada pelas pessoas Surdas que vivem no Brasil e tem como sigla as iniciais das palavras, sendo chamada de LIBRAS. A LIBRAS, como descrito anteriormente, é uma modalidade gestual. A Língua oral tem pontos de articulações dos fonemas, temos na língua de sinais pontos de articulações que são expressos por toque no corpo do usuário da língua ou no espaço neutro.

Na LIBRAS, segundo Honora, Frizanco e Saruta (2009, p 27), precisamos usar os cinco parâmetros desta língua, que são: Configuração das Mãos (CM): são as formas como colocamos as mãos para execução do sinal, pode ser representado por uma letra do alfabeto, números ou formas de posicionar as mãos no momento inicial. Há que se atentar a estes parâmetros, porque não pode haver mudanças, visto que uma mudança já poderá ter outros significados.

3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Utilizou-se como base a pesquisa bibliográfica, no intuito de construir um referencial teórico que dê suporte à análise do tema em estudo, que corresponde à realidade de um aluno surdo matriculado na escola pública de Sinop - Mato Grosso, Escola Municipal de Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita, localizada na Rua das Violetas nº 2.300, no bairro Jardim das Violetas.

Com base na delimitação do problema observado, numa abordagem qualitativa propôs contextualizar o mundo do surdo no contexto escolar e as dificuldades que o professor enfrenta diariamente, e com isso podemos conhecer mais acerca das dificuldades em relação ao aprendizado da língua de sinais:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. (RICHARDSON, 1999, p. 80).

No que se refere aos procedimentos adotados para a coleta de dados, optou-se pelo estudo de caso que:

[...] pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há

nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. (FONSECA, 2002, p. 33).

Na coleta de dados, utilizou-se questionários a serem respondidos pelo professor, discente e seu intérprete de LIBRAS, bem como o docente da sala de recursos, visando analisar as dificuldades de cada sujeito, levando em conta a relação professor/aluno surdo, bem como a relação do educando com os intérpretes de LIBRAS da sala de aula tradicional e sala de recursos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 ENTREVISTA COM A DOCENTE DA SALA DE AULA REGULAR

A professora atua na área da educação há 16 anos, iniciou em 1998, em uma escola rural multisseriada, é licenciada em Pedagogia (2002 – UNEMAT) e História em (2011-UNOPAR). Possui pós-graduação em Gestão Escolar (ICE) e Docência no Ensino Superior (UNEMAT), e experiência em Coordenação Pedagógica e Direção Escolar.

A professora planeja suas aulas de forma bem diferenciada, de acordo com as necessidades do aluno, com auxílio da intérprete de LIBRAS. Segundo a docente, há algumas dificuldades em relação ao desenvolvimento de atividades que atendam as demandas do aluno, pois o educando não domina a LIBRAS completamente e com isso não consegue fazer as relações necessárias com a língua portuguesa. Com isso, a intérprete, juntamente com a professora organizam atividades que envolvem figuras, visando facilitar o entendimento do aluno.

Em relação ao convívio do aluno com os outros educandos, notaram-se algumas barreiras em relação à interação com demais, sendo que esse fator é amenizado em virtude das atividades diferenciadas, fazendo com que haja um maior envolvimento do aluno com o restante da turma.

Em geral, nem todos os educandos leem sem dificuldade e, devido a isso, a professora desenvolve muitas atividades de leitura e escrita de modo a diferenciar as atividades para o educando.

A Escola Municipal de Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita desenvolveu um projeto envolvendo alunos, professores e intérpretes, buscando promover o conhecimento da LIBRAS. Segundo a professora, o projeto fez com que os alunos pudessem se comunicar melhor com aluno, o que trouxe bons resultados, uma vez que, antes de ocorrerem as aulas de LIBRAS do referido projeto, o aluno muitas vezes era vítima de *bullying*.

A seguir, apresentamos os dados obtidos a partir da entrevista com a professora:

Quando questionada sobre o que representa a Educação Especial, a docente afirmou o seguinte:

(01) Professora 1: A inserção de indivíduos com algum tipo de limitação (DA-DI), mas com potencialidades em outras áreas podem ser estimuladas, possibilitando um convívio social afetivo e harmônico. Porém, quando a deficiência é muito severa, no caso dos DI, fica muito difícil a convivência em sala de aula.

A escola regular tem que influenciar o desenvolvimento do aluno surdo em diferentes perspectivas, e é um direito deles que as escolas mantenham a prática da língua de sinais e da língua portuguesa no ensino regular. Porém, não há a inclusão escolar e, em relação aos professores e alunos, há muitas dificuldades em desempenhar este trabalho com o aluno surdo.

Segundo Mattos (2001, p 15), a prática pedagógica é estabelecida através da Língua Portuguesa Oral (LPO) e escrita, sendo que essa língua não é adquirida de forma natural pelo aluno surdo com surdez severa ou profunda. Esse aluno precisa de recursos específicos para sua aprendizagem, como apoio pedagógico tanto da língua portuguesa e na língua de sinais.

Em relação ao modo como a escola se encontra organizada para atender alunos surdos, a professora nos diz que:

(02) Professora 1: Acredito no que tange as Leis da inserção ao aluno surdo (DA) está muito bem preparadora e organizada para dar todo o atendimento que ele necessita, tanto na sua primeira língua, a LIBRAS, como na segunda como é o caso do português.

No que concerne aos projetos desenvolvidos na escola, a professora explica que:

(03) Professora 1: É desenvolvido um projeto na sala do L1 (LIBRAS) e L2 (PORTUGUÊS), e o tratamento é acolhedor por todos da equipe, tanto os que trabalham no atendimento direto com eles (intérpretes, e professores da sala L1 e L2) quanto dos professores de sala de aula regular.

A utilização da LIBRAS só ocorre através do envolvimento de todos da escola, deve ser uma troca para educação do surdo, todos tem que possibilitar o conhecimento e a aprendizagem para o surdo.

Os professores devem analisar a transformação da escola e envolver o aluno surdo nos projetos e até mesmo na sala de aula, as inovações com o aluno surdo para suprir suas necessidades.

O professor tem que viver a realidade que está ao seu redor, uma educação especial e desenvolver uma liberdade para liberdade da língua de sinais nas escolas, e sua liberdade de construção metodológica de práticas pedagógicas para auxiliar os surdos, que tem a capacidade de aprender, desenvolver e buscar conhecer sobre tudo que ajude o aluno surdo, a interprete é uma fonte de auxilio a professores e alunos.

Quanto ao tratamento dado ao aluno, a professora esclarece que é:

(04) Professora 1: Normal como os demais, tem de cumprir as regras da escola como todos os outros, no que tange sua sociabilidade e acessibilidade acredito que está tudo bem. Os alunos surdos têm dificuldades em compreender a segunda língua (Português), e a comunicação com os demais alunos. Sempre procuro planejar de acordo com as atividades dos demais, porém, respeitando as especificidades do aluno surdo.

Todos devem trabalhar em equipe, envolvendo todos nas práticas de educação onde envolve aluno, professor e família, na utilização de tecnologias onde tudo auxilia na transformação desse aluno. Dessa forma a aprendizagem do aluno nas atividades de LIBRAS para o aluno surdo.

4.2 ENTREVISTA COM OS INTÉRPRETES

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos a partir das entrevistas com dois intérpretes: um da sala de aula regular, que atende ao aluno L (Intérprete 1) e o intérprete da

sala de recursos (Intérprete 2) da Escola Municipal de Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita.

A partir das respostas obtidas, constatou-se que os dois professores intérpretes de LIBRAS têm conhecimento sobre a Resolução do CNE/CEB N° 2, de 11 de fevereiro de 2001, que versa sobre a obrigatoriedade de a escola oferecer apoio pedagógico especializado:

Art.8°. As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: IV- serviços de apoio pedagógico especializado, realizado nas classes comuns, mediante: atuação de professores-intérpretes das linguagens e códigos aplicáveis; atuação de professores e outros profissionais itinerantes intra e inter institucionalmente. (BRASIL, 2001).

Nota-se que as opiniões são semelhantes, pois os dois profissionais concordam que é dever dos professores buscar informação e aperfeiçoamento para atender de forma adequada os alunos surdos. Além disso, deve-se orientar os pais destes alunos caso não seja oferecido um intérprete na escola.

Os dois professores-intérpretes enfatizam a necessidade de se buscar o suporte necessário junto aos órgãos responsáveis, para que a Lei seja cumprida e o acesso do aluno surdo ao ensino regular seja garantido. No entanto, algumas vezes a falta de informação faz com que muitos pais de alunos surdos não solicitem a ajuda necessária, simplesmente por desconhecerem as leis específicas: “muitas vezes é difícil para os pais aceitarem a criança surda, porém a união do casal e da família em geral será essencial para a criança ter uma qualidade de vida melhor”. (VIEIRA, 2015, p. 10).

Os entrevistados convencionaram entre si que a importância do ensino de LIBRAS é imprescindível para o desenvolvimento do aluno surdo durante o processo educacional. Nesse sentido, referindo-se à inclusão do aluno surdo no ensino regular, oferecendo-lhe as condições necessárias para seu aprendizado, Cardoso nos diz que:

[...] o processo inclusivo pode significar uma verdadeira revolução educacional e envolve o descortinar de uma escola eficiente, diferente, aberta, comunitária, solidária e democrática onde a multiplicidade leva-nos a ultrapassar o limite da integração e alcançar a inclusão. (CARDOSO, 2003, p. 24).

Constatou-se que a escola oferece materiais especializados para lidar com os alunos com surdez, bem como outros tipos de necessidades especiais, uma vez que a instituição possui uma sala de recursos equipada. “Escolas centradas na criança, são além do mais, a base para a construção de uma sociedade centrada nas pessoas, que respeita tanto a diferença,

quanto a dignidade de todos os seres humanos” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 18).

A partir dos relatos dos dois professores-intérpretes, pode-se dizer que muitas vezes os professores das salas regulares não interagem de forma satisfatória, o que dificulta o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos. Com isso, há uma falta de preparo por parte desses professores, o que reflete na qualidade da adaptação dos materiais para atender às demandas dos alunos com surdez.

4.3 ENTREVISTA COM O ALUNO SURDO

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos a partir das pesquisas e da entrevista com o aluno, de 10 anos de idade, filho de pais ouvintes, matriculado no ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Professor Jurandir Liberino de Mesquita.

A sala de aula do 3º ano do ensino fundamental da referida instituição possui 26 educandos, dos quais somente o aluno é surdo. A faixa etária dos alunos varia entre 9 e 10 anos, sendo a maioria meninos.

Para a análise da entrevista com o aluno surdo, considerou-se os seguintes tópicos: relação entre aluno surdo e intérprete e relação entre aluno e os colegas ouvintes, bem como entre professor regente, professor intérprete e aluno surdo.

Quando questionado a respeito da relação com a professora intérprete, o aluno expôs sua dificuldade em relação à língua portuguesa, uma vez que ele diz não entender o conteúdo que copia diariamente. Ao mesmo tempo, ele afirma ter uma boa relação com seus colegas ouvintes, apesar de nem sempre ser compreendido por eles e, quando isso ocorre, e assim solicita a ajuda de sua intérprete.

A partir do relato do aluno, nota-se que o aluno apresenta certa carência em relação à interação com seus colegas ouvintes. Ao argumentar sobre o porquê gosta mais da aula de educação física, o aluno se justificou que seria por conta das brincadeiras com os colegas, os quais não dominam a LIBRAS e, em virtude disso, não há uma socialização mais efetiva entre esses sujeitos.

Em relação à interação em sala de aula e às atividades das quais participa em horário extracurricular, o aluno afirmou que participa do Coral de Libras da instituição de ensino e, ao mesmo tempo, gostaria que os colegas se comunicassem com ele em LIBRAS.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei nº 9394/1996) estabelece que a escola deve fornecer as condições necessárias para assegurar que hajam professores especializados para lidar com sujeitos especiais em sala de aula. Dessa forma, é direito do aluno surdo ser inserido no sistema de ensino regular, contudo, nem todos estão preparados para atender esses sujeitos. (LDB, 1996, p. única).

Ao analisarmos o discurso do aluno, quando o mesmo diz não entender o conteúdo copiado, podemos dizer que, no ambiente escolar no qual se encontra inserido, há limitações com relação ao método de ensino utilizado para atendê-lo, entretanto os profissionais envolvidos neste processo possibilitam sua inclusão em uma sala de aula regular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos instrumentos de pesquisa utilizados neste trabalho, pode-se fazer algumas constatações a respeito do objeto de pesquisa, que consiste em uma análise das relações entre um aluno surdo e os demais sujeitos envolvidos no processo de ensino desse aluno.

Considerando que o ensino de LIBRAS deve ser visto como uma prioridade, o que pode ser verificado através da transformação na nossa sociedade, a qual requer modificações na nossa educação, há que se compreender a LIBRAS como forma de auxiliar os alunos surdos, promovendo a reflexão nas práticas pedagógicas do professor e do intérprete.

Atualmente, os professores se esforçam para compreender esse sujeito e, ao mesmo tempo, fazer com que o aluno surdo os compreenda, e acabam utilizando diversos recursos, improvisando as atividades. Partindo para o cenário da pesquisa, a Escola Professor Jurandir Liberino de Mesquita, a partir de entrevistas com dois professores intérpretes, verificou-se que ambos têm conhecimento a respeito da legislação que dispõe sobre a obrigatoriedade de a escola oferecer intérpretes, no caso de haverem alunos surdos matriculados na instituição.

Diante disso faz-se importante a conscientização e a reestruturação das escolas para que se adaptem aos alunos surdos. Assim, não somente a presença de um intérprete em sala de aula é capaz de garantir a inclusão do sujeito surdo: há que se consolidar esse processo a partir da criação de um ambiente favorável à aprendizagem desses indivíduos.

THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGES – LIBRAS IN THE CONTEXT OF REGULAR SCHOOL: the teachers' challenges during the early years

ABSTRACT¹

The present paper deals with the Brazilian Sign Language (LIBRAS), in the context of regular school, aiming to analyses which are the teachers' challenges during the early years. In order to make this research, a case study was conducted in the School Jurandir Liberino de Mesquita, where a deaf student, enrolled in the third grade of Elementary School; as well as a teacher from regular classroom and two others which are interpreters working in the resource room of that institution; were interviewed. Considering the analysis of the data collected in the period of the research, it was verified that the institution has the proper teaching materials and provides the students with the help of an interpreter, allowing their inclusion in a regular classroom.

Keywords: Brazilian Sign Languages (Libras). Regular School. Sign Language Interpreter.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, DF: UNESCO, 1994. Disponível em: <<http://portalmeec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Legislação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). **Lei 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Casa Civil: subchefia para assuntos jurídicos, Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 set. 2013. p. única.

_____. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB Nº 2**, de 11 de Fevereiro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/res2.txt>>. Acesso em: 12 out. 2013.

CARDOSO, Marilene da Silva. Aspectos Históricos da Educação Especial: da Exclusão a Inclusão – Uma longa caminhada. In: STOBAUS, Claus Dieter; MOSQUERA, Juan José Mourino (Orgs). **Educação Especial**: em direção à Educação Inclusiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2015.

¹ Tradução realizada por Vinícius Dallagnol Reis. Graduado em Letras, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop.

HONORA, M; FRIZANCO, M. L. E.; SARUTA, F. B. da S. **Livro ilustrado de Língua de Brasileira de Sinais**: desenvolvendo a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

MATTOS, L. C. As implicações da surdez no processo de escolarização da pessoa surda. **Revista Espaço-Informativo do INES**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 15-21, 2001.

PROFESSORA 1. **Professora 1**: depoimento. [10 de mar. 2014]. Entrevistadora: Andréia da Silva. Sinop, MT, 2014. 1 questionário transcrito para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS no ensino regular: os desafios do professor nos anos iniciais.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RINALDI, Giuseppe et al. **Educação especial: deficiência auditiva**. Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Especial. Brasília, SP: SEESP, 1997. V. I. (Série Atualidades Pedagógicas, n° 4). Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/educacao_surdos.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2014.

VIEIRA, Jonas Levy. **Convivendo com a surdez**. Fundação Vanzolini - USP. Curso de especialização em gestão de projetos - CEGP. São Paulo: Nova Página. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B1vxs25IyMxxYjNhMDY5NmQtNDgyMC00YjkwLWFkZTAtYWU1ZmQzMmFINTg2/view?hl=pt_BR&pli=1>. Acesso em: 04 abr. 2015.

Recebido em: 23 de setembro de 2015.

Aprovado em: 21 de outubro de 2015.